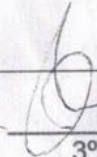
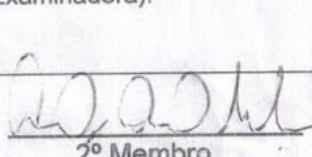


...o de total relevância,
novos olhares e, abre campo
para a Produção cultural
e Educacional.

...a Banca Examinadora):

...ente)



2º Membro

3º Membro



Universidade
Federal
Fluminense

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

NÚBIA SIQUEIRA SILVA

**O PRODUTOR CULTURAL NA ESCOLA:
A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE-EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO E
EXPANSÃO DA CRIATIVIDADE**

NÚBIA SIQUEIRA SILVA

**O PRODUTOR CULTURAL NA ESCOLA:
A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE-EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO E
EXPANSÃO DA CRIATIVIDADE**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof.^ª Dr.^ª Maria Alice Nunes

FICHA CATALOGRÁFICA

·

· **S586** Silva, Núbia Siqueira.
O produtor cultural na escola : a contribuição da arte-educação na construção e expansão da criatividade / Núbia Siqueira Silva. – 2017. 52 f. : il.

Orientadora: Maria Alice Nunes Costa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Fluminense. Departamento de Arte, 2017.

Bibliografia: f. 30.

1. Arte. 2. Educação. 3. Política cultural. 4. Produção cultural. 5. Criatividade. 5. Escola. I. Costa, Maria Alice Nunes. II. Universidade Federal Fluminense. Departamento de Arte. III. Título.

Dedico este trabalho a todos aqueles que ajudaram e contribuíram direta e indiretamente para minha formação acadêmica, principalmente àqueles que acreditaram no meu potencial e não permitiram que eu desistisse, em especial, aos meus familiares.

AGRADECIMENTOS

Ao corpo docente da Escola Municipal Professor Paulo Roberto Azeredo por me acolher na unidade escolar, permitindo meu acesso e confiando no meu trabalho.

À Professora Doutora Maria Alice Nunes Costa pela orientação prestada, sempre insistindo no aprimoramento do trabalho, acreditando no potencial dele.

A todo o corpo docente da Universidade Federal Fluminense que contribuiu para minha formação acadêmica.

Resumo

Este projeto experimental explora o conceito de arte-educação no contexto da educação pública de nível básico e discute o papel do produtor cultural nas escolas como seu mediador entre aluno e cultura. O principal objetivo deste projeto é despertar nos alunos o interesse pela arte e contribuir para a expansão de sua criatividade por meio de atividades lúdicas com base no conhecimento de Geografia. Como resultado, a escola pode conhecer melhor seu público-alvo e propor políticas culturais mais efetivas.

Palavras-chave: Arte-educação; projetos culturais; interdisciplinaridade; criatividade; políticas culturais.

Abstract

This experimental project explores the concept of art-education in the context of basic level public education and discusses the role of cultural producer in schools as mediator between student and culture. The main objective of this project is to awaken in students the interest in art and contribute to an expansion of their creativity through play activities based in their knowledge of geography. As a result, the school can better understand its target audience and propose more effective cultural policies.

Key-words: Arts education; cultural projects; interdisciplinarity; creativity; cultural policies.

LISTA DE ABREVIATURAS

CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	11
2.1. Objetivo Geral	11
2.2. Objetivo Específico	11
3. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA	12
4. PÚBLICO-ALVO	18
5. ETAPAS DO TRABALHO	20
Pré-produção	20
Produção	20
Administração acompanhamento	20
6. CRONOGRAMA	21
7. RECURSOS	22
8. PLANO DE AULA	23
9. AVALIAÇÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	30
ANEXO A – Cartazes impressos	31
ANEXO B – Material impresso e distribuído	33
ANEXO C – Desenhos realizados pelos alunos	34
ANEXO D – Atividade realizada pelos alunos	43
ANEXO E – Autorização para Divulgação da Monografia	51

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto nasceu de um interesse pelo ensino de arte no Brasil, sobre como é possível aprimorá-lo, sobretudo nas escolas da rede pública. Entretanto, não se trata de ver o ensino de arte como mera repetição de conteúdos pelos estudantes – algo que permeia toda a história desse componente curricular no País. Trata-se de treinar o olhar para a realidade; construí-la e modificá-la a partir de um impulso inicial de criatividade. Cabe a crianças e adolescentes um papel central nessa tarefa, algo que se lhes impõe geração após geração.

Então, pode-se cogitar: caberá ao produtor cultural alguma função no sentido de favorecer ou facilitar a mediação entre estudantes e o processo de conhecimento e cultura? Quais são seus limites de atuação? Qual poderá ser sua contribuição na educação pública? Uma hipótese inicial é considerar a possibilidade de o produtor cultural realizar a interface entre educação, arte e cultura nas escolas.

É preciso atestar o avanço do conhecimento teórico sobre a infância e adolescência. Apesar disso, a escola ainda é carente no sentido de atender seu público-alvo de maneira adequada. A prática escolar se revela cada vez mais impregnada de dificuldades de natureza social e cultural, seja em relação à conjuntura política e econômica, seja em relação aos problemas específicos e locais do âmbito pedagógico.

Nesse cenário, é imperioso descrever o que é peculiar a estudantes de diferentes culturas, seu poder de imaginação, fantasia, criação e considerá-los em seus direitos, compreendendo-os como seres que produzem cultura e modificam a realidade. Por conseguinte, essa forma de ver os educandos pode ensinar o educador não apenas a compreendê-los melhor, mas a perceber o mundo a partir de seu ponto de vista.

Com esse propósito, este projeto apresenta algumas questões de pesquisa. Pode-se implantar na escola uma educação como formação cultural, como experiência, criadora, crítica, de resistência, formativa e emancipadora? Será possível assimilar a produção cultural na escola, promovendo experiências que ultrapassam a esfera do entretenimento, consumo e lazer? De que modo o professor pode realizar tal mediação se não possui o conhecimento especial de como promover essas experiências culturais e se não interage com as diversas linguagens

advindas dos próprios educandos? Então, surge daí a importância da presença do produtor cultural nas escolas.

Refletindo sobre esse papel, deve-se ter em mente que este profissional deve achar seu espaço na escola sem se sobrepor às atribuições características dos professores de Artes. Ele deve, em outro eixo estratégico de sua participação, auxiliar os educadores a entender melhor como se forma a criatividade de seus educandos, culminando no estabelecimento de um panorama cultural e social que envolve toda a escola, permitindo que ela elabore com mais eficácia as políticas de assistência estudantil com a colaboração dos próprios alunos e alunas.

Nessa perspectiva, o projeto compreende a arte-educação em sua relação com o lúdico e sua importância na formação da criatividade do educando. Desse modo, o processo artístico nas escolas deve ser visto como uma atividade prazerosa, a fim de que a arte seja considerada como um meio capaz de estimular a criatividade e de contribuir para a construção da identidade cultural baseada no contexto local da escola.

Além disso, este projeto de arte-educação tem como característica a interdisciplinaridade. Nesse sentido, as aulas de Artes e a produção de cultura nas escolas devem envolver todas as esferas do conhecimento. No caso específico deste projeto, optou-se por um recorte teórico que une o ensino de Geografia ao de Artes, pois é inevitável a constatação de que a arte promove uma interferência no espaço, seja na forma de interferência física, seja na compreensão ou no olhar diferente para o espaço. Como objeto principal de estudo, o projeto contemplará o espaço cotidiano e a dimensão comunitária de alunos e alunas.

É verdade que perante a crescente afirmação e negação do direito à infância, os que atuam com educação encaram enormes desafios, principalmente os que dizem respeito à pobreza, à violência e à criminalidade crescentes num cenário de crise econômica e política instaurado na atualidade. Diante desses problemas, portanto, é fundamental todo apoio à educação e o esforço do produtor cultural para modificar esta realidade, em conjunto com a escola e a comunidade, não será em vão, ainda que os resultados esperados se encontrem em longo prazo.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Desenvolver um projeto experimental de Arte-Educação em uma escola pública para crianças e adolescentes na faixa etária entre 8 a 14 anos do 3º Ano do Ensino Fundamental, com o objetivo colaborar na produção de sentidos culturais, estimulando a prática da produção de projetos culturais na escola que possibilitem o estudo de medidas educativas voltadas para um melhor aprendizado e que possibilite a irradiação dessas ações para toda rede de ensino público. Além disso, este Projeto permite a ideia de expandir o mercado de atividades do produtor cultural para as escolas.

2.2. Objetivos Específicos

- Identificar e conhecer as escolas e o público-alvo para a execução deste Projeto Experimental;
- Sensibilizar a comunidade escolar sobre o Projeto de Arte-Educação a ser executado por um produtor cultural;
- Elaborar um plano de aula de arte-educação para os alunos e alunas;
- Executar o Plano Experimental de Arte-Educação;
- Avaliar, juntamente com alunos, alunas e comunidade escolar o Projeto Experimental em Arte Educação;
- Elaborar a redação final sobre o desenvolvimento do Projeto Experimental em Arte-Educação e;
- Mapear todos os pontos fracos e fortes da implantação de um Projeto de Arte-Educação nas escolas, bem como apresentar futuras abordagens e sugestões de melhorias.

3. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Segundo Raquel de Lima¹, a história do Ensino de Arte, no Brasil, começa com os jesuítas nas oficinas de artesãos, que utilizavam técnicas artísticas para a catequese dos indígenas. Depois, com a vinda da Família Real ao Brasil, é criada a Academia Imperial de Belas Artes, em 1816, sob a responsabilidade da Missão Artística Francesa. Já está presente o ensino formal de artes, havendo predomínio do desenho dos modelos vivos, da estamperia e a produção de retratos. Nessa época, o estudo das artes era restrito a uma elite minoritária. Nos anos de 1870, o ensino de arte concentrou-se na formação de desenhistas.

Já Santos, Aranha e Horvat²² afirmam que a história do Ensino de Arte, no Brasil, começa oficialmente em 1816, quando D. João VI convoca a Missão Artística Francesa, que preconizava o ensino sistematizado e metódico das artes, sob a direção do ex-ministro das Artes na França revolucionária, Joachim Lebreton. Para dar efeito a seus planos, o monarca instalou no Rio de Janeiro a Escola Real de Ciências, Artes e Ofício.

Passada uma década, em 1826, D. Pedro I inaugurou o prédio da Escola, agora renomeada como Academia Imperial de Belas Artes (atualmente Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro), na Travessa das Artes, próximo à atual Avenida Passos. Em 1938, o prédio foi demolido, mas o seu pórtico, projetado por Grandjean de Montigny, foi desmontado e transportado para o Jardim Botânico, também localizado no município do Rio de Janeiro, onde ainda se encontra.

A missão Francesa trouxe para o Brasil o neoclassicismo, que passou a ser o modelo artístico por excelência, suplantando a maneira barroca, até então em voga no País até então. A estética neoclássica determinava regras rígidas de composição, tais como a estabilidade, a harmonia e o remetimento às formas da natureza, com a intenção de incuti-las no imaginário do espectador.

1

<http://www.webartigos.com/artigos/historia-da-arte-educacao-ou-historia-do-ensino-de-arte-no-brasil/104656/> - acesso em 04/06/2017.

² SANTOS, Amandio Miguel dos; ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; HORVAT, Patrícia. Artes Visuais e Educação: vol 1. Rio de Janeiro: Licenciatura em Pedagogia – EAD – UNIRIO e CEDERJ.

No contexto da Proclamação da República (1889), a educação torna-se campo primordial de mudanças na perspectiva liberal e positivista. Nessa época, o ensino de arte valorizava o desenho como expressão da técnica e da ciência.

A partir de 1920, insere-se o ensino de arte no currículo escolar como apoio às disciplinas, predominando o exercício das cópias. 1922 foi um ano transformador para o ensino de arte, com a Semana de Arte Moderna, que preconizava o ideal da livre expressão. Ele afirmava que a arte era a expressão dos sentimentos da criança. Nesse sentido, não era necessário ensinar arte, porém ela deveria ser livremente expressa pelos discentes.

No ano de 1948, foi inaugurada a Escolinha de Arte do Brasil, que se expandiria em 140 escolinhas de arte que se espalhou pelo Brasil e por cidades da América do Sul e de Portugal. Nos anos de 1950 e 1960, o desenho continua como conteúdo, no entanto o canto orfeônico, a música e os trabalhos manuais fazem parte do currículo da escola, cuja metodologia é a reprodução de conteúdos ensinados.

Durante o regime militar, a Lei nº 5.692/71 tornou obrigatório o ensino de arte na escola. Com a denominação de Educação Artística, a disciplina propunha conferir ao currículo um aspecto humanista. Nesse contexto, entretanto, as aulas não eram ministradas por arte-educadores, mas sim por professores de campos de ensino diferentes, sem o necessário conhecimento teórico para tal tarefa. Essa concepção se baseava no fazer artístico simplesmente em razão da falta de conteúdo, rebaixando o ensino da arte perante as demais disciplinas.

No governo de Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro houve a implantação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) idealizados por Darcy Ribeiro. O CIEP, em seu projeto original, não se tratava apenas de uma escola, mas sim de um espaço de aprendizagem multidisciplinar e multi-interativo.

A ideia inicial consistia em manter os alunos na escola em horário integral, pois assim diminuiriam os riscos de se envolverem com a criminalidade. Desse modo, os pais poderiam trabalhar despreocupados, pois seus filhos permaneceriam em um espaço que lhes proporcionaria educação, lazer (mesmo nos fins de semana e nos períodos de férias), atendimento médico e odontológico, refeições diárias, além de opções de espetáculos de arte e cultura.

Entretanto, a realidade demonstrou-se diferente dos ideais preconizados por Darcy Ribeiro. Uma das críticas referentes a esse modelo dizia respeito à capacitação dos agentes envolvidos com a animação cultural. Muitas vezes, esses profissionais detinham vastos conhecimentos em sua área de atuação, mas não recebiam treinamento específico ou profundo sobre como elaborar projetos de cultura e organizar eventos. Além disso, muitos desistiam dessa ocupação quando se deparavam com a conjuntura de violência e criminalidade que envolvia a comunidade.

Na década de 1980, aconteceram muitas discussões relacionadas à educação no Brasil, principalmente a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96. Por meio dela, o Ministério da Educação e Cultura – MEC estabeleceu e disseminou amplamente os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCN – 1997), a fim de que eles servissem como base curricular para o ensino de arte em todo o País.

Como aponta Ferreira³, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (2000) têm também como objetivo levar as artes visuais, a dança, a música e o teatro para serem aprendidos na escola. Por muito tempo, essas práticas foram consideradas atividades importantes apenas para recreação, equilíbrio psíquico, expressão criativa simplesmente treino de habilidades motoras. Nos PCN/Arte, entretanto, arte é apresentada como área de conhecimento que requer espaço e constâncias, como todas as áreas do currículo escolar.

Ainda nesse contexto, atualmente, as modalidades de arte, artes visuais, música, teatro e dança formam os conteúdos para o ensino fundamental a partir de objetivos gerais e específicos, de critérios para a seleção de conteúdos, critérios de avaliação e orientações didáticas. Os parâmetros de Arte não estabelecem as modalidades artísticas que precisam ser ministradas em cada ciclo, mas apresentam orientações didáticas a fim de que as escolas determinem seus próprios projetos curriculares.

Nesse sentido, os conteúdos de Arte estão articulados em três eixos norteadores de aprendizagem: a criação/produção artística, a percepção/interpretação das obras de arte e o conhecimento/reflexão em arte. Atualmente, o ensino de arte no País é formado por: ensino de arte pré-modernista, arte modernista e arte pós-modernista ou pós-moderno. A primeira tendência define

³ FERREIRA, Aurora. A Criança e a Arte: o dia-a-dia na sala de aula. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007

a concepção de ensino da arte como técnica; na tendência modernista, a concepção de ensino da arte como expressão e como atividade; e na tendência pós-modernista, a concepção de ensino da arte como conhecimento.

Nessa última tendência, a análise básica é a própria arte, o essencialismo. Para essa corrente, a arte tem valor em si mesma, não deve servir como ferramenta para outras finalidades. Essa tendência busca entender como acontece o ensino e a aprendizagem dos conhecimentos artísticos, principalmente aqueles relativos à aprendizagem dos conhecimentos artísticos, a partir da relação entre fazer, ler e contextualizar arte.

Segundo Aurora Ferreira⁴, a arte na escola deve ser parte fundamental no processo da formação do homem, pelos seus conteúdos cognitivos, afetivos e perceptivos, fornecendo experiências que ajudem a criança a refletir sobre arte, desenvolver valores, sentimentos, emoções e uma visão crítica do mundo que a cerca. Ela também desenvolve na criança os aspectos físicos, motor, emocional, perceptivo e criatividade. Sendo fator determinante para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo.

Para Diva Maranhão⁵, hoje a criança precisa ser educada de forma globalizada; insistimos nesse aspecto para que fique clara a importância de não deixarmos de lado os aspectos psicomotores e o aspecto afetivo, em favor do aspecto cognitivo, pois se uma área estiver sendo mais desenvolvida em detrimento de outra, certamente esse desequilíbrio acarretará uma desorganização do indivíduo, em sua dimensão global. A mesma continua dizendo que entendendo o papel da Educação na sociedade como a ciência capaz de suscitar a transformação social, é preciso que se definam quais as contribuições junto a outras instâncias da vida que ocasionam de fato estas transformações. Seguindo esta linha de pensamento, a educação deve ter uma visão global de seus alunos e propiciar a eles a construção e o acesso aos conhecimentos socialmente disponíveis. Qualquer indivíduo com prática emocional bem desenvolvida tem mais probabilidade de sentir-se satisfeito e de ser eficiente em sua vida, dominando os hábitos mentais que fomentam sua produtividade; os que não conseguem exercer nenhum controle sobre

⁴ FERREIRA, Aurora. A Criança e a Arte: o dia-a-dia na sala de aula. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

⁵ MARANHÃO, Diva Nereida Marques Machado. Ensinar Brincando: a aprendizagem pode ser uma grande brincadeira. 4ª ed. Rio de Janeiro: WAK, 2007.

sua vida emocional, travam batalhas internas que sabotam a capacidade de concentração no trabalho e de lucidez do pensamento.

Segundo Aurora Ferreira é brincando que a criança descobre o mundo, imita gestos e atitudes dos adultos, conhece leis, regras e experimenta sensações. O brincar integra, desenvolve, socializa e propicia a valorização da criança, aumentando a autoestima. Portanto, cultivar os aspectos emocionais e oferecer oportunidade à criança para desenvolver suas potencialidades deve ser uma preocupação constante dos adultos.

A atividade apresentada como projeto, ou seja, a cartografia inserida na realidade cotidiana do aluno serve para analisar os medos e frustrações que ele tem no acesso à escola. Através dessa atividade lúdica, as crianças poderão entender um pouco mais sobre o fazer artístico, mas, principalmente, o mapeamento poderá servir como auxílio aos professores na descoberta de fatores de risco que envolvem os educandos no seu trajeto para a escola. Neste trabalho, para os discentes, a atividade artística servirá para expressar (sentimentos, relação com o entorno etc.); para o corpo docente, a atividade servirá para comunicar e construir uma análise social por meio dos pontos em comuns presentes no imaginário de cada aluno. A escola, nesse sentido, poderá agir com projetos pedagógicos específicos e de acesso, ou seja, os educadores poderão intervir melhor em favor do seu público-alvo, dependendo das dificuldades enfrentadas, agindo com maior eficiência.

A Escola Municipal Professor Paulo Roberto Azeredo foi escolhida em razão das mudanças de hábito da população local por causa da crescente violência no bairro. O cenário de crise econômica que se estende desde 2015 reforça essas preocupações. Espera-se, com isso, diagnosticar como a violência e a crise econômica se infiltraram no imaginário do aluno.

Por outro lado, a escolha também foi baseada na participação da instituição no programa Mais Educação⁶ que tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral. Podendo desenvolver atividades de acompanhamento pedagógico, experimentação e investigação científica, cultura e artes, esporte e lazer, cultura digital, educação econômica, comunicação e uso de mídias, meio

⁶ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7083.htm- DECRETO Nº 7.083, DE 27 DE JANEIRO DE 2010

ambiente, direitos humanos, práticas de prevenção aos agravos à saúde, promoção da saúde e da alimentação saudável, entre outras atividades.

O Programa Mais educação (instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007) é uma estratégia do governo federal para a promoção da educação integral, abrindo espaço para o trabalho dos profissionais da educação, dos educadores populares, estudantes e agentes culturais (monitores, estudantes universitários com formação específica nos macrocampos), observada a Lei nº 9.608/1998, que dispõe sobre o serviço voluntário. Ele tem por objetivos: formular política nacional de educação básica em tempo integral; promover diálogo entre os conteúdos escolares e os saberes locais; favorecer a convivência entre professores, alunos e suas comunidades; disseminar as experiências das escolas que desenvolvem atividades de educação integral; e convergir políticas e programas de saúde, cultura, esporte, direitos humanos, educação ambiental, divulgação científica, enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes, integração entre escola e comunidade, para o desenvolvimento do projeto político-pedagógico de educação integral.

4. PÚBLICO-ALVO

O público-alvo do projeto é composto por 29 alunos, entre 8 a 14 anos, da turma 303, do turno da tarde, no 3º Ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Professor Paulo Roberto Azeredo, na Rua Bernardino Rangel, s/nº, Pacheco, São Gonçalo/RJ.

A unidade escolar atende a alunos da Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental sob o sistema de ciclos, sendo: 1º ciclo compreendido da 1ª a 3ª etapa com retenção nesta última e o segundo ciclo compreendido da 1ª a 2ª etapa com retenção nesta última. A faixa etária dos discentes nessas fases varia, aproximadamente, de 6 a 14 anos.

A comunidade na qual a unidade escolar se insere é carente, apesar de alguns discentes apresentarem boa situação econômica. Trata-se de uma comunidade pouco participativa, visto que a maioria dos responsáveis trabalha fora. O nível de instrução na maior parte dos responsáveis é elementar.

Neste bairro, há uma enorme carência de unidades escolares públicas que atendam tanto a Educação Infantil como ao primeiro segmento do Ensino Fundamental.

A história da escola reflete essa realidade: o prédio foi construído sem motivo exato, porém foi adaptado a uma escola por haver no bairro somente uma escola estadual, a qual já apresentava poucas condições de atender a clientela estudantil e carente da comunidade. De 1982 a 1995, as atividades dessa unidade foram realizadas neste prédio. Contudo, após muitos comentários depreciativos em jornais locais sobre sua localização (ao lado do cemitério do bairro), a unidade mudou-se para o atual prédio situado na Rua Bernardino Rangel.

Desde então, o prédio foi reformado e ampliado por diversas gestões municipais e, atualmente, conta com: dois pavimentos em que se distribuem nove salas de aula, quadra coberta, sala de leitura, sala de recursos didáticos, sala da direção, refeitório, secretaria, depósito de merenda, cozinha, sala de professores, área reservada para Educação Infantil com duas salas, sala de orientação pedagógica, sala de multimídia, sala de orientação educacional, além de banheiros femininos e masculinos para alunos, professores e funcionários.

Atualmente, a escola conta com, aproximadamente, seiscentos alunos entre meninos e meninas. A direção e o ensino ministrado são bem aceitos e respeitados pela comunidade, segundo o relato de professores e demais funcionários.

5. ETAPAS DO TRABALHO

☐ Pré-produção

1 mês (06 de maio a 06 de junho)

- Planejamento;
- Contato com a direção da escola;
- Criação de material didático;
- Junta de recursos.

☐ Produção

5 dias (07 de junho a 13 de junho de 2017)

- Aula expositiva sobre cartografia;
- Criação de mapas do trajeto das crianças entre suas casas e a escola;
- Confecção de mural expositivo dos trabalhos realizados;

☐ Administração e acompanhamento

- Acompanhamento e gestão do projeto;
- Avaliação de execução de Projeto;
- Elaboração do relatório final.

7. RECURSOS

A escola dispôs para o projeto:

- ✓ 1 quadra poliesportiva;
- ✓ 1 sala de aula;
- ✓ 30 mesas;
- ✓ 30 cadeiras; e
- ✓ 1 quadro branco.

Os seguintes recursos compõem os materiais didáticos necessários para a prática artística do projeto:

- ✓ Cartazes;
- ✓ 1 resma de papel A4;
- ✓ 1 caixa de lápis grafite preto;
- ✓ 1 rolo de fita adesiva.

Todos os recursos materiais foram providos pelo proponente do projeto ou por meio de apoio coletivo.

Fizeram parte do trabalho Carine Corrêa (diretora e orientadora pedagógica), Alessandra C. do Rosário (professora titular), Neiva Alves S. Silva (professora de apoio) e mais 29 alunos.

8. PLANOS DE AULA

Data: 07 de junho de 2017
Carga horária: 2 horas
Conhecendo a turma – 20 minutos; Apresentando o projeto e o produtor – 40 minutos; Dinâmica em grupo – 45 minutos; Apresentando próxima tarefa – 15 minutos.
Objetivos:
Apresentar o projeto; Sugerir a observação do lugar de transição casa-escola; Estimular o desenvolvimento do reconhecimento de objetos, cores, formas e tamanhos; Estimular o desenvolvimento da percepção viso-motora; Estimular a curiosidade pela exploração; Descobrir possibilidades; Estimular a interação com o redor; Encorajar aventuras; Desenvolver a lateralidade; Desenvolver a percepção auditiva.
Conteúdo programático: Apresentação do projeto e dinâmica de grupo
Metodologia:
Descrever o projeto e suas etapas. Brincar solicitando que apontem ou levantem as partes do corpo solicitadas. Identificação de esquerda e direita; levantar mão direita; mão esquerda; pé esquerdo; pé direito; mostrar o joelho direito; joelho esquerdo; mostrar o olho direito; olho esquerdo; orelha esquerda, orelha direita; mão direita, no pé esquerdo; mão direita no pé direito; mão esquerda no pé esquerdo; mão esquerda no pé direito; mão direita no olho esquerdo; mão esquerda no olho direito; mão esquerda no olho esquerdo; mão direita no olho direito. Ao final, pedir para que os alunos observem o entorno do trajeto que realizam entre suas casas e a escola, pois deverão reproduzi-lo.
Recursos: humano
Avaliação: A aula foi realizada no espaço da quadra, onde os alunos tiveram espaço para socializar e desenvolver a dinâmica. A dinâmica foi um pouco monótona. Todos participaram com muita ansiedade. A maioria apresentou dificuldades no reconhecimento de direita e esquerda. O projeto foi apresentado no início e houve interesse de todos. Ficando para a próxima aula a produção de mapas dos trajetos realizados.

Data: 08 de junho de 2017

Carga horária: 2 horas

Aula expositiva sobre cartografia – 45 minutos;
Exercício de orientação cartográfica – 20 minutos;
Confecção de mapas dos trajetos casa x escola – 45 minutos;
Apresentando próxima tarefa – 10 minutos.

Objetivos:

Expor o conceito de cartografia; Ilustrar exemplos; Desenvolver o reconhecimento cartográfico; Desenvolver o reconhecimento de objetos, cores, formas e tamanhos; Desenvolver a percepção viso-motora; Produzir um mapa do trajeto casa-escola; Estimular o desenvolvimento da orientação espacial; Promover a alfabetização cartográfica; Definir pontos-chave no mapa; Ilustrar sentimentos de relação com os lugares; Discutir as diferenças e semelhanças entre os resultados; Sugerir o registro por fotografia dos lugares que trazem sentimentos agradáveis.

Conteúdo programático: Introdução à cartografia.

Metodologia: numa aula expositiva, exibir o conceito de cartografia e apresentar exemplos de mapas, buscando o interesse dos alunos nas atividades que serão propostas. Apresentação de conteúdo e imagem ilustrativa (Anexo 2), onde os alunos têm que encontrar a escola no mapa da região. Produzir desenhos dos trajetos que os alunos realizam ao caminhar até a escola e, com figuras do próprio imaginário, apontarão os lugares que provocam neles uma sensação de medo ou insegurança (Anexo 3). Ao final, pedir a produção de fotografias de pontos do trajeto que os alunos mais gostam.

Recursos: Cartazes, texto impresso, folhas A4 e lápis.

Referências: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cartografia>;
http://www.uff.br/geoden/index_arquivos/intro_cartografia_geodem;
<http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/GeografiaFisica/Cartografia/>.

Avaliação: houve participação e interesse de todos os alunos na exposição sobre cartografia (Anexo 1). Infelizmente, nem todos os alunos sabem ler, mas todos ficaram ansiosos em encontrar a escola no mapa apresentado. Durante a atividade artística foi observado diferenças de comportamento entre os alunos que desenharam dificuldades no trajeto à escola. Os mais animados pintaram com cores e detalhes; os mais desanimados desenharam a lápis, com poucas cores e maior representação de dificuldades no trajeto. Ao final, os alunos foram questionados se havia possibilidades de fazerem registro fotográfico e, diante da resposta afirmativa, foi sugerido atividade externo de fotografia dos pontos do trajeto que eles mais gostavam.

Data: 09 de junho de 2017

Carga horária: 2 horas

Apresentação e seleção dos registros fotográficos – 35 minutos;
Construção de mapa fotográfico – 65 minutos;
Apresentação de próxima tarefa – 20 minutos.

Objetivos:

Discutir as diferenças e semelhanças entre os resultados;
Construir um mapa fotográfico da comunidade escolar;
Expor o resultado.

Conteúdo programático: Fotografia.

Metodologia: reunir os registros fotográficos e instruir os alunos na construção de um mapa fotográfico, descobrindo a paisagem da comunidade onde a escola está inserida. Ao final, definir mural para a aula seguinte.

Recursos: Fotografias e fita adesiva.

Avaliação: A atividade não pôde ser realizada por falta de material expositivo, pois as crianças não fizeram o registro. Em seu lugar, as crianças produziram desenhos dos seus lugares preferidos, onde tiveram que escrever o que gostavam de fazer (Anexo 4).

Data: 12 de junho de 2017

Cargahorária: 2 horas

Construção do mural geográfico – 120 minutos.

Objetivos:

Reunir os resultados das atividades;
Definir exposição;
Trabalhar em grupo;
Construir um mural;
Expor o resultado.

Conteúdo programático: Mural geográfico.

Metodologia: Junto com os alunos, montar uma exposição de todas as fotos e desenhos feitos para o projeto.

Recursos: Fita adesiva.

Avaliação: os alunos montaram um mural expositivo dos trabalhos realizados.

Data: 13 de junho de 2017

Cargahorária: 2 horas

Construir um diálogo com o corpo docente – 120 minutos.

Objetivos:

Propor soluções;
Estimular o relacionamento social;
Estimular a comunicação interpessoal.
Avaliar o projeto;
Debater opiniões;
Estimular o relacionamento social;
Estimular a comunicação interpessoal;
Concluir o projeto.

Conteúdo programático: Avaliação do projeto e apresentação do resultado do projeto ao corpo docente.

Metodologia: em roda, abrir um debate sobre os problemas encontrados na comunidade e possíveis soluções para cada caso, fazendo um registro por escrito do debate. Em roda, debater sobre as atividades e os resultados obtidos com os alunos e os professores.

Recursos: Papel e lápis.

Avaliação: os alunos debateram com o corpo docente sobre os lugares que apresentam maior dificuldade de acesso em

9. AVALIAÇÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto teve início com o primeiro contato com a escola, onde alunos e alunas se mostraram solícitos e apresentaram a turma que, segundo eles, seria mais participativa. Todo trabalho foi influenciado por esta decisão, pois houve participação ativa dos alunos, maximizando os resultados. Durante a dinâmica, que se mostrou um pouco monótona para alguns, a liderança e empolgação de alguns alunos motivou o interesse e a participação de todos, facilitando o processo. Em uma turma menos participativa, as atividades devem ser mais curtas e a complexidade deve acompanhar a idade e o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

A ideia inicial era pensar no produtor cultural como um educador de arte. No entanto, comparando-se os currículos de um produtor cultural com o de um professor de Artes, é inegável a discrepância de conhecimentos concernentes à arte. Este último é muito mais preparado sob o ponto de vista didático e teórico. Apesar disso, é importante a participação do produtor cultural com respeito a projetos culturais que vão gerar resultados e que podem se multiplicar em diversas vertentes, tanto na escola, como na formação do aluno e da comunidade em torno da escola.

O produtor cultural lança um olhar social, antropológico, favorecendo o diálogo entre as múltiplas disciplinas do currículo escolar, propondo políticas de intervenção mais incisivas, sendo capaz de articular comunicação mais concreta entre unidades de ensino e poderes governamentais. Portanto, é possível perceber que o papel do produtor cultural se estende em várias esferas: sociais, políticas, educacionais e artísticas.

O produtor, junto com o coletivo escolar, coordena o processo de articulação com a comunidade, seus agentes e seus saberes, ao mesmo tempo em que ajuda na articulação entre os novos saberes, os novos espaços, as políticas públicas e o currículo escolar, oferecendo a crianças, adolescentes e jovens diferentes linguagens, valoriza suas vivências, modificando o próprio ambiente escolar e a produção do conhecimento.

Espera-se do produtor, visando à educação integral, que ele seja capaz de desenvolver atividades com a participação de docentes, discentes e profissionais qualificados em temáticas afins às áreas artísticas, culturais e políticas, além de realizar programas de ações culturais voltados para o incremento das manifestações artísticas e culturais, criar um circuito cultural comunitário, gerir e intermediar práticas culturais públicas, privadas e comunitárias, sempre voltando seu olhar para os entes envolvidos em cada ação, englobando a pluralidade cultural e as necessidades individuais e coletivas.

Numa livre interpretação de Teixeira Coelho⁷, o produtor age como animador cultural: instrumentalizando a organização e promoção do **lazer** entendido não como simples ocupação do tempo mas como utilização instruída e esclarecida do tempo livre; iniciando o **público** às artes eruditas, na condição de espectador, e as **práticas culturais** e artísticas a seu alcance, geralmente como amador (pintura, cerâmica, teatro amador, etc.); e produzindo passeios turísticos, reuniões dançantes e atividades esportivas.

Nesse sentido, o animador cultural é o agente responsável por fazer a ligação entre o público e as atividades culturais. A intenção do ensino integral é transformar líderes comunitários, artistas locais, representantes religiosos ou mesmo integrantes do corpo docente das unidades em potenciais animadores culturais. Assim, a cultura local seria reconhecida e incentivada, e os participantes das atividades seriam introduzidos a obras de arte consideradas eruditas, por meio de mostras, concertos, audições etc.

Em um contexto similar ao inicialmente planejado para o ensino integral, o papel do produtor cultural seria de suma importância. Uma vez que esse profissional detém as qualidades inerentes ao trabalho em um espaço multicultural, é necessário que uma política educacional contemple essas qualidades para alcançar os ideais que muitas vezes não concretizados.

Portanto, o produtor cultural é o profissional capacitado para realizar a interface dos diversos setores da educação. Pois, sua presença nesse tipo de espaço favorecerá não somente a aprendizagem dos alunos, mas também capacitará toda a comunidade e despertará maior interesse pela cultura pelas artes de uma forma geral. Nesse sentido, a comunidade crescerá com os alunos.

⁷ COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural: Cultura e Imaginário. Editora Iluminuras Ltda. São Paulo, 1997

Por fim, este projeto experimental torna possível a inspiração para que novos trabalhos fundamentem, por meio de demonstrações criativas e abordagens mais oportunas de análise, a compreensão e intervenção de avaliação, para o efetivo estímulo de impactos dos projetos culturais. Ademais, o presente projeto ainda pode contribuir para uma compreensão mais profunda se somado a outros estudos referentes ao tema.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *Jogos para a Estimulação das Múltiplas Inteligências*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural: Cultura e Imaginário*. São Paulo: Iluminuras Ltda, 1997.

FERREIRA, Aurora. *A Criança e a Arte: o dia-a-dia na sala de aula*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. *Nova Escola: A revista de quem educa*. Edição Especial. São Paulo: Abril, 2006.

GASTALDI, Giacomo. *O tesouro*. 1556. Disponível em: <<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/america-portuguesa/79-as-feitorias-e-a-colonizacao-acidental/8717-a-costa-do-pau-brasil-e-a-costa-do-ouro-e-da-prata>>. Acesso em: 03 de maio de 2017.

ISTOCKPHOTO. *Mapa do Tesouro de pirata detalhada*. Disponível em: <<http://www.istockphoto.com/pt/vetorial/mapa-do-tesouro-de-pirata-detalhada-gm115957434-3404014>>. Acesso em: 03 de maio de 2017.

MARANHÃO, Diva Nereida Marques Machado. *Ensinar Brincando: a aprendizagem pode ser uma grande brincadeira*. 4. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2007.

REVISTA PEDAGÓGICA PÁTIO. *Artmed*, Porto Alegre, RS, ano XIII, n. 51, Ago/Out. 2009.

SANTOS, Amandio Miguel dos. *Artes na educação*. v. 3. 2. ed. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

SÓ GEOGRAFIA. *Cartografia*. Disponível em: <<http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/GeografiaFisica/Cartografia/>>. Acesso em: 03 de maio de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. *Introdução à Cartografia*. Disponível em: <http://www.uff.br/geoden/index_arquivos/intro_cartografia_geodem>. Acesso em: 03 de maio de 2017.

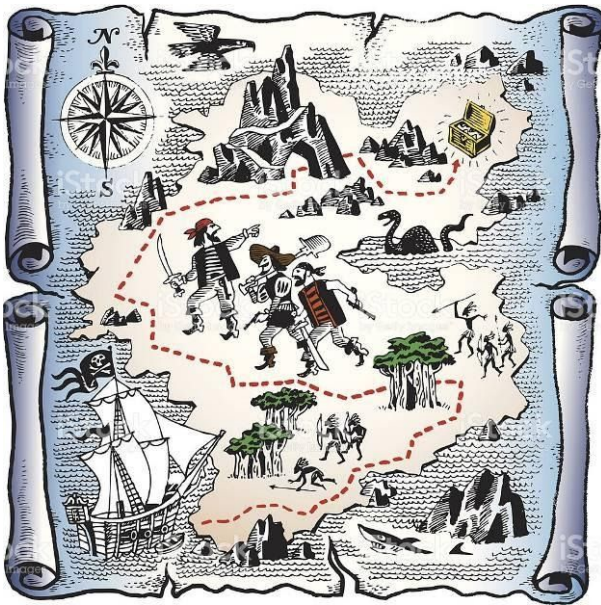
VELOSO, Tiago. *10 Mapas Históricos do Brasil: Pérolas da cartografia que contam um pouco da história do nosso país*. 2013. Disponível em: <<http://visualoop.com/br/10670/10-mapas-historicos-do-brasil-que-todos-deviam-conhecer>>. Acesso em: 03 de maio de 2017.

VILLAÇA, Iara de Carvalho. *Arte-Educação: A arte como metodologia educativa*. Bahia: Secretaria Municipal de Saúde de Salvador e UNAIDS, 2012.

WIKIPÉDIA. *Cartografia*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cartografia>>. Acesso em: 03 de maio de 2017.

ANEXO A

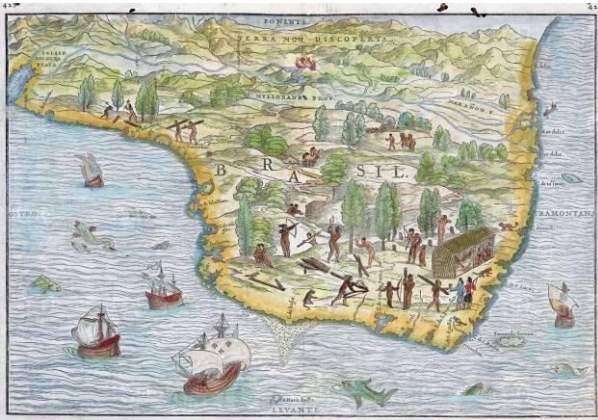
1 - Cartazes impressos



Alex Belomlinsky. 2011.

<http://www.istockphoto.com/br/vetor/detalhada-mapa-do-tesouro-dos-piratas-gm115957434-340401>. Acesso em: 03 de maio de 2017.

Figura 1. Mapa do tesouro dos piratas.



publicado em 1565. Original na Fundação Biblioteca Nacional. Acesso em: 03 de maio de 2017.

Figura 2. Mapa de Giacomo Gastaldi,



planisfério, por Pierre Desceliers, de 1546. Medindo 59,5 x 77,5 cm, faz parte da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, em Brasília/DF. Acesso em: 03 de maio de 2017.

Figura 3. Parte sul-americana do



Figura 4. Atlas wallpaper

<http://chaspikserial.ru/509618-atlas-wallpaper.html>. Acesso em: 03 de maio de 2017.



Figura 5 Fotografado por Neiva Alves S. Silva. 08 de junho de 2017.



Figura 6 Fotografado por Neiva Alves S. Silva. 08 de junho de 2017.

ANEXO B - Material impresso e distribuído

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR PAULO ROBERTO AZEREDO

DATA:

TURMA:

ALUNO:

CARTOGRAFIA

A cartografia é a ciência da representação gráfica da superfície terrestre, cujo produto final é o mapa. Na cartografia, representações de área podem incluir muitas informações, por exemplo, símbolos e cores. A cartografia é essencial para a Geografia e nosso dia a dia.

Os primeiros mapas eram desenhados em argila, madeira, pele de animais e que não tinha qualquer semelhança com o mundo real. Ao longo dos séculos, os mapas tornaram-se maiores, mais detalhados e precisos. Às vezes, os mapas históricos tinham coisas estranhas desenhadas sobre eles, como objetos não identificados no céu, “criaturas” no mar e até mesmo massas de terras que nunca existiram.

A invenção de novos instrumentos, como o relógio de pêndulo, o telescópio, bem como ferramentas mais teóricas, como tabelas de logaritmos, o cálculo diferencial e integral, e a lei da gravidade, permitiu aos cientistas fazer as observações necessárias.

Durante as últimas décadas, tecnologias mais sofisticadas foram inventadas. Com computadores mais potentes, GPS e telêmetros a laser, foi possível realizar o mapeamento diretamente no terreno. A elaboração de um mapa também é possível, em tempo real.

A capacidade de navegar com facilidade com a ajuda de mapas precisos é graças aos muitos milhares de exploradores corajosos e centenas de cartógrafos e que combinavam conhecimento do Oriente e do Ocidente, ajudaram a desenvolver a nossa compreensão da geografia atual.

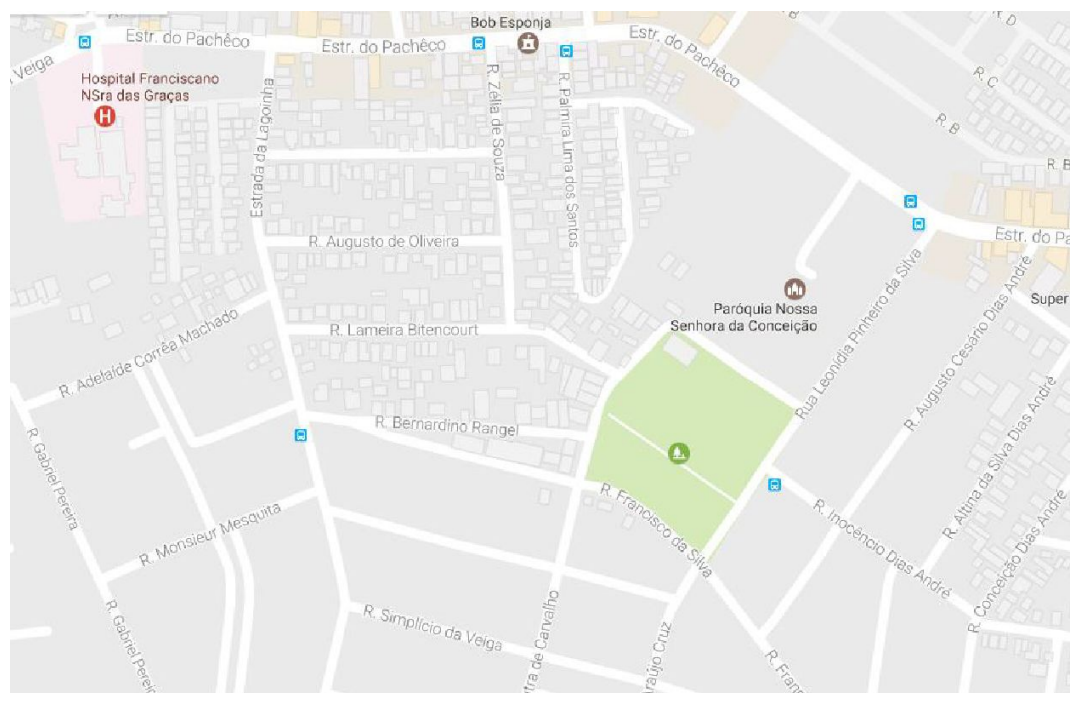


Figura 7. Figura 5. Cartografia. Material Didático produzido para a aula. Autoria própria. Mai/2017.

ANEXO C - Desenhos realizados pelos alunos

Ana Clara

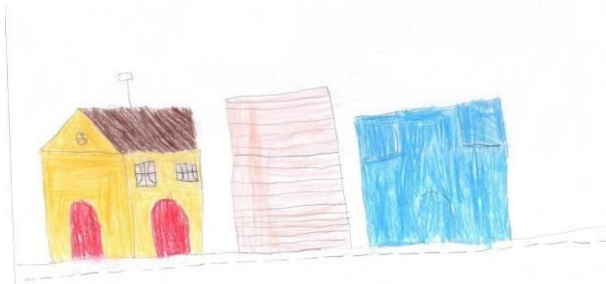


Figura 8

Ana Clara V. Souza. 08 de junho de 2017.

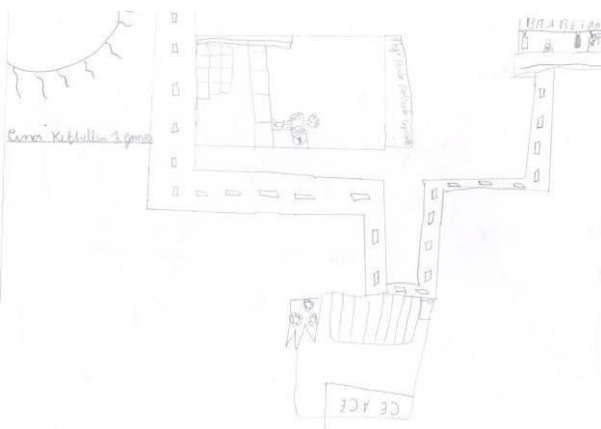


Figura 9

Ana Kethellen F. Gomes (1). 08 de junho de 2017.

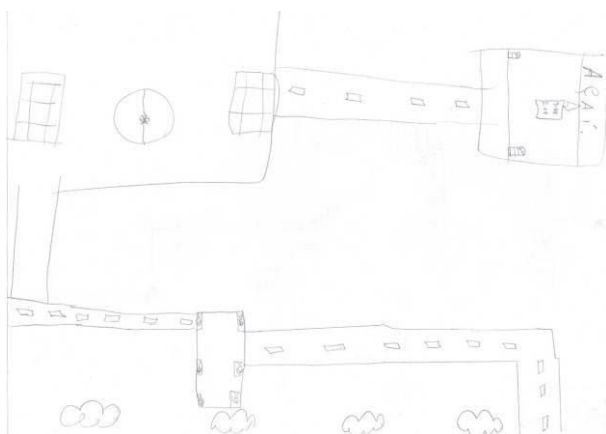


Figura 10

Ana Kethellen F. Gomes (2). 08 de junho de 2017.

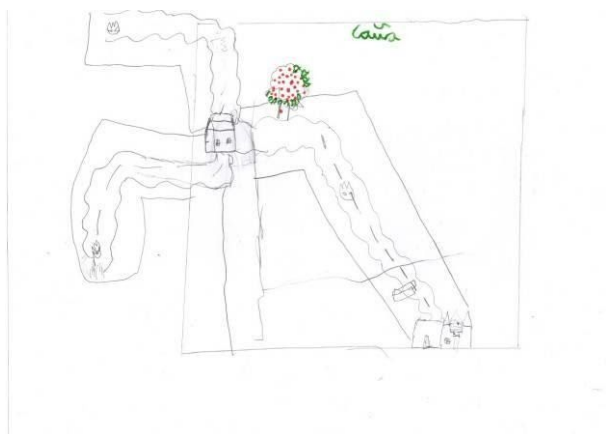


Figura 11

Cauã A. da Silva. 08 de junho de 2017.

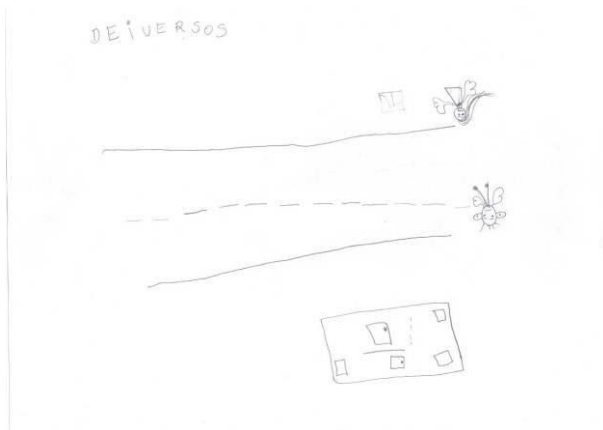


Figura 12

Deiverson M. de Souza. 08 de junho de 2017.

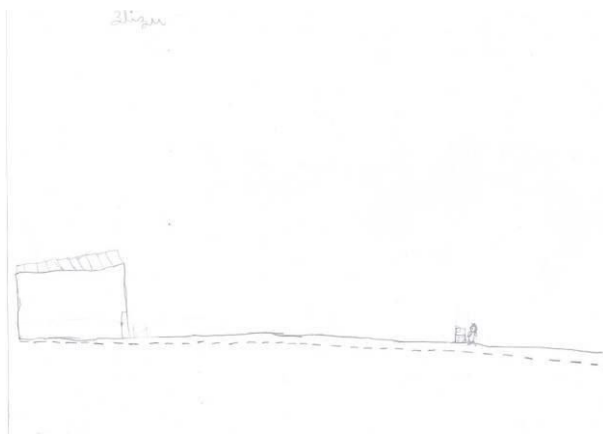


Figura 13

Elizeu Pablo M. de Assis. 08 de junho de 2017.

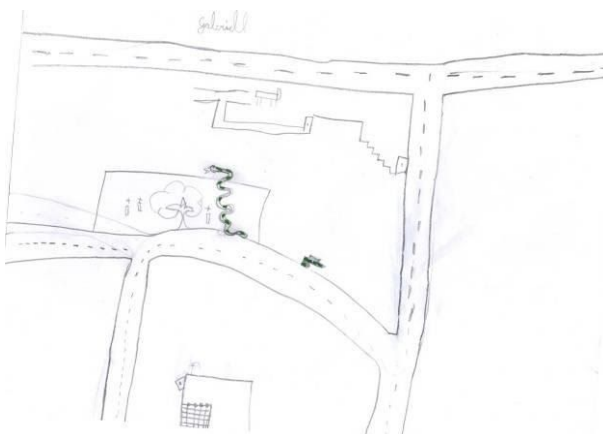


Figura 14

Gabriel B. de A. Peçanha. 08 de junho de 2017.



Figura 15

Geovana da S. Rodrigues. 08 de junho de 2017.

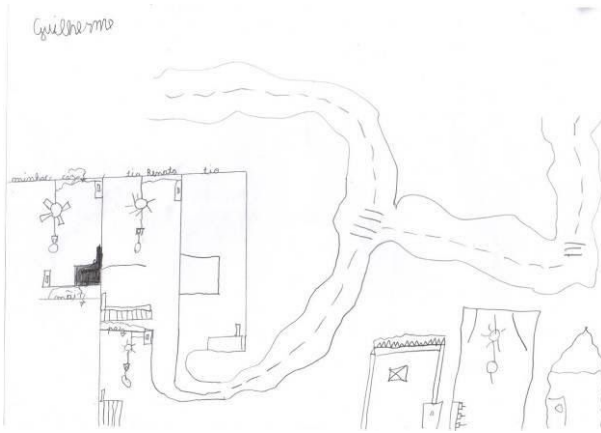


Figura 16

Guilherme da C. Sodre. 08 de junho de 2017.

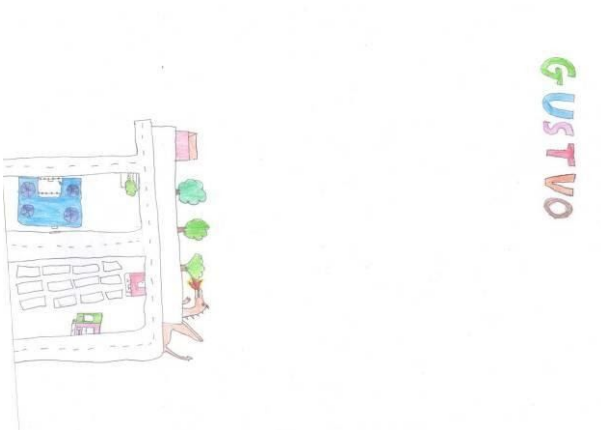


Figura 17

Gustavo G. Vargas. 08 de junho de 2017.

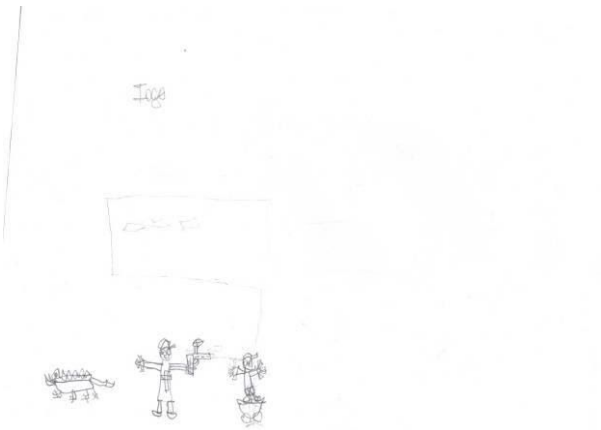


Figura 18

Iago V. da Silva. 08 de junho de 2017.



Figura 19

João Miguel C. da Silva. 08 de junho de 2017.



Figura 20
João Pedro G. Campos. 08 de junho de 2017.

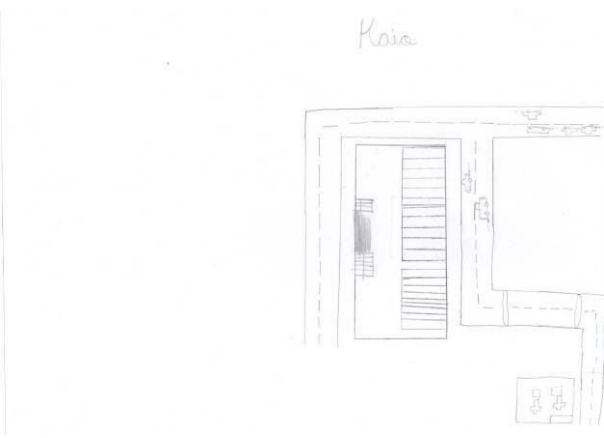


Figura 21
Kaio C. Mata. 08 de junho de 2017.

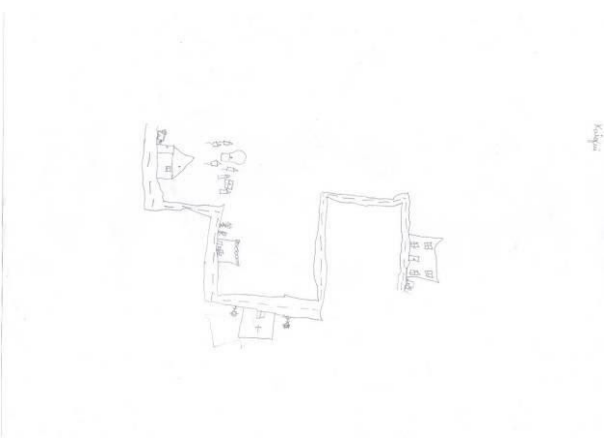


Figura 22
Kaiqui M. de Oliveira. 08 de junho de 2017.

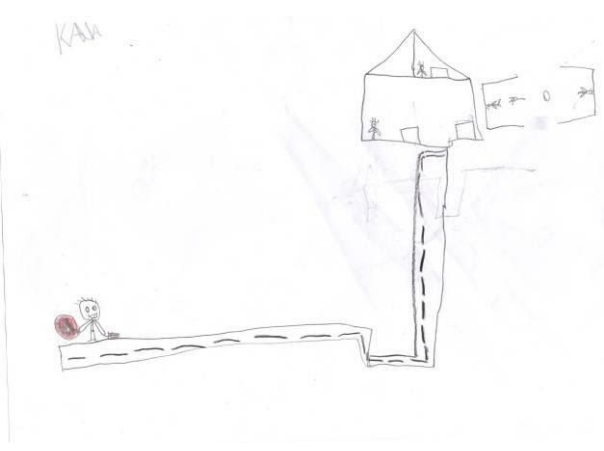


Figura 23
Kauã da S. Rodrigues. 08 de junho de 2017.

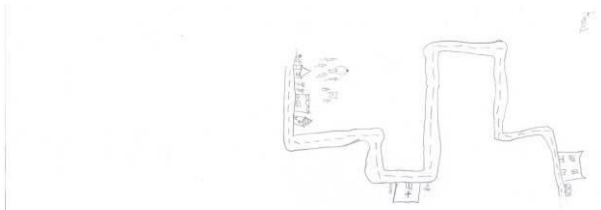


Figura 24

Kauê M. Leandro. 08 de junho de 2017.



Figura 25

Kayky L. Rodrigues. 08 de junho de 2017.



Figura 26

Maria Clara de S. Andrade. 08 de junho de 2017.

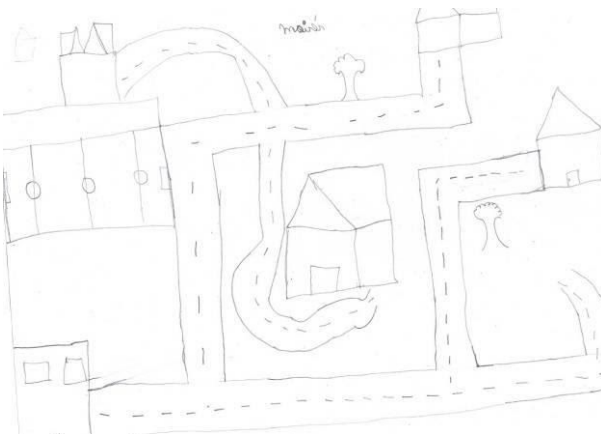


Figura 27

Moisés Vitor A. Mendes. 08 de junho de 2017.

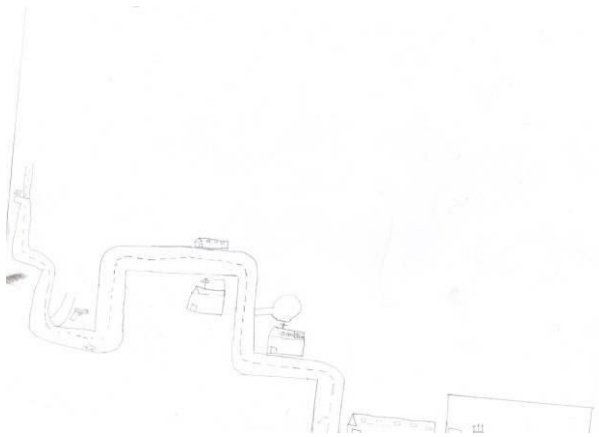


Figura 28

Otávio da S. Souza. 08 de junho de 2017.

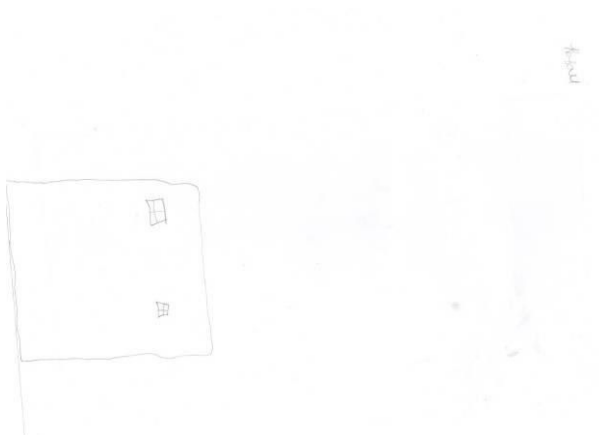


Figura 29

Rafael de O. Souza Junior. 08 de junho de 2017.

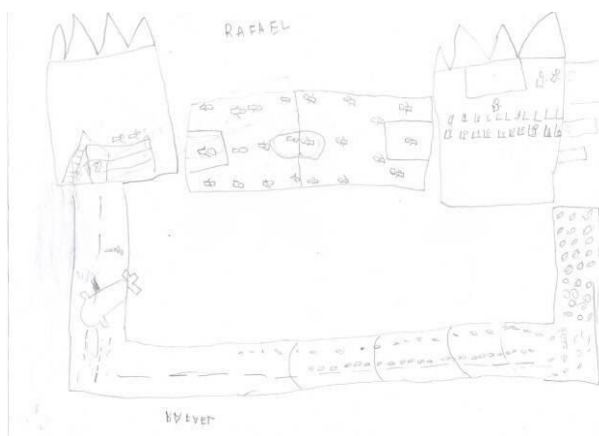


Figura 30

Rafael S. Machado. 08 de junho de 2017.

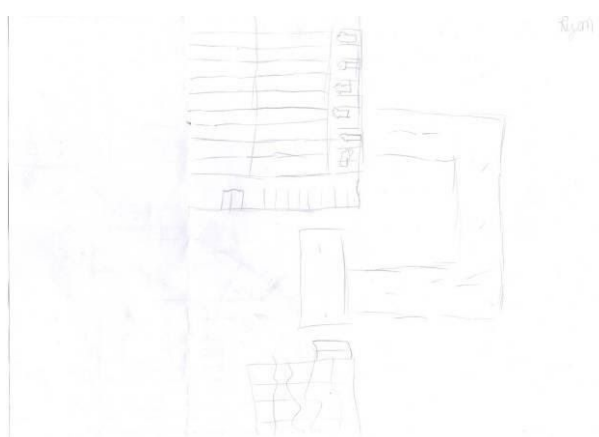


Figura 31

Ryan L. C. Silva. 08 de junho de 2017.



Figura 32

Sthefany C. B. dos Santos. 08 de junho de 2017.



Figura 33

Thaís C. de Souza. 08 de junho de 2017.



Figura 34

Yngrid Maria F. de Lima (1). 08 de junho de 2017.



Figura 35

Yngrid Maria F. de Lima (2). 08 de junho de 2017.

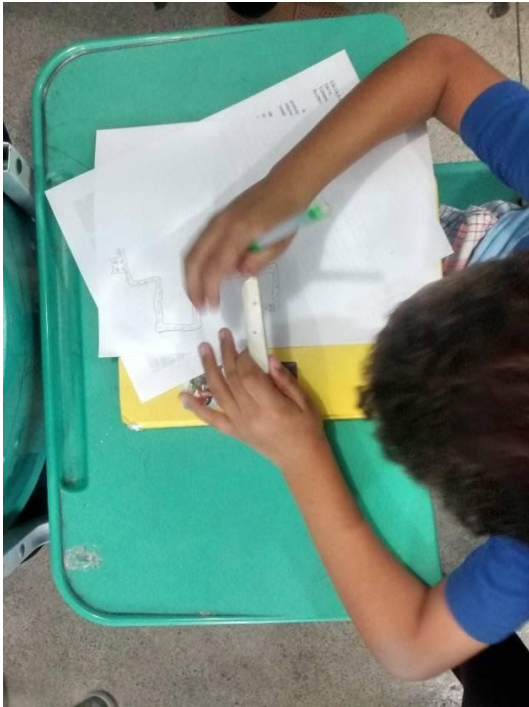


Figura 36 Fotografado por Neiva Alves S. Silva. 08 de junho de 2017.



Figura 39 Fotografado por Neiva Alves S. Silva. 08 de junho de 2017.



Figura 37 Fotografado por Neiva Alves S. Silva. 08 de junho de 2017.



Figura 40 Fotografado por Neiva Alves S. Silva. 08 de junho de 2017.



Figura 38 Fotografado por Neiva Alves S. Silva. 08 de junho de 2017.



Figura 41 Fotografado por Neiva Alves S. Silva. 08 de junho de 2017.



Figura 42 Fotografado por Neiva Alves S. Silva. 08 de junho de 2017.

ANEXO D - Atividade realizada pelos alunos

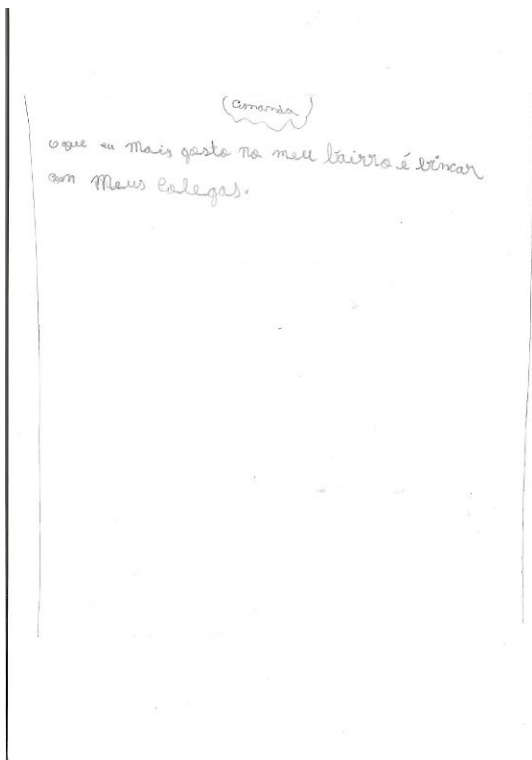


Figura 43

'O que eu mais gosto no meu bairro é brincar com meus colegas'.

Amanda Vitória L. Passoni. 09 de junho de 2017.

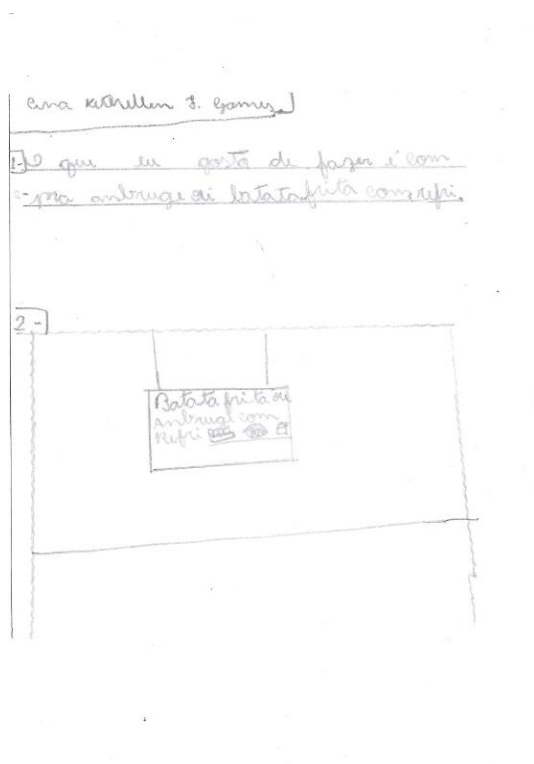


Figura 44

'1. O que eu gosto de fazer é comprar hambúrguer ou batata frita com refri. 2. Batata frita ou hambúrguer com refri'.

Ana Kethellen F. Gomes. 09 de junho de 2017.

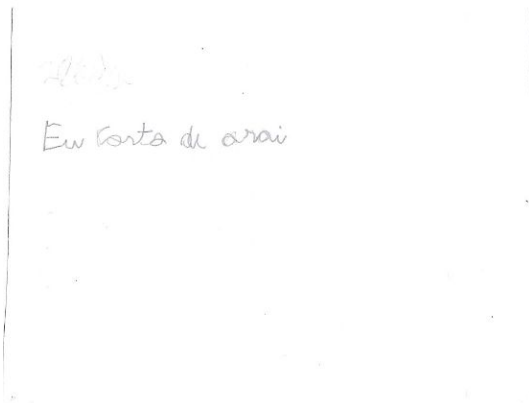


Figura 45

'Eu gosto de açaí'.

Cauã A. da Silva. 09 de junho de 2017.

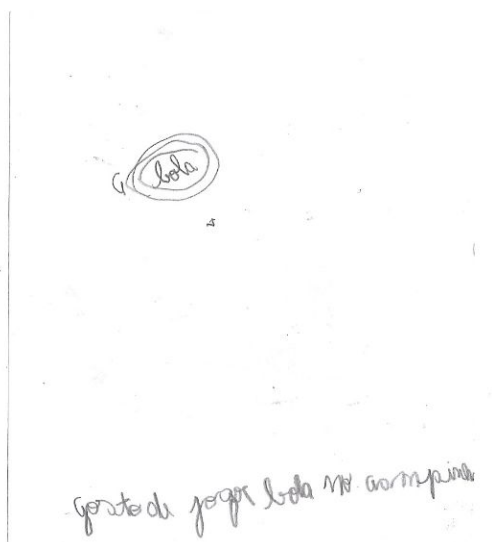


Figura 46

'Gosto de jogar bola no campinho'.

Kayky L. Rodrigues. 09 de junho de 2017.



Figura 47

'1. O que eu mais gosto no meu bairro é jogar vôlei é legal

2. O que eu mais gosto no meu bairro é ir na casa da minha amiga'.

Maria Clara de S. Andrade. 09 de junho de 2017.

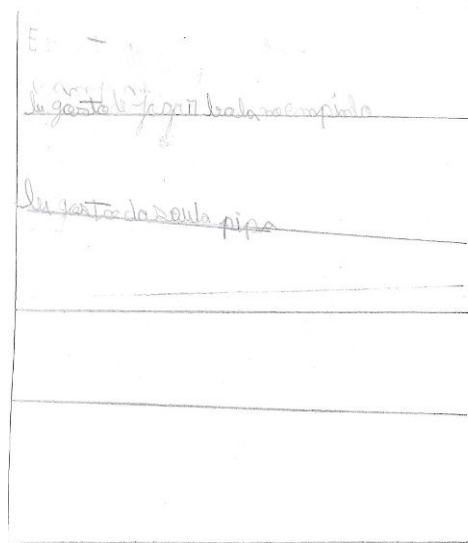


Figura 48

'eu gosto de jogar bola no campinho eu gosto de soltar pipa'.

Otávio da S. Souza. 09 de junho de 2017.

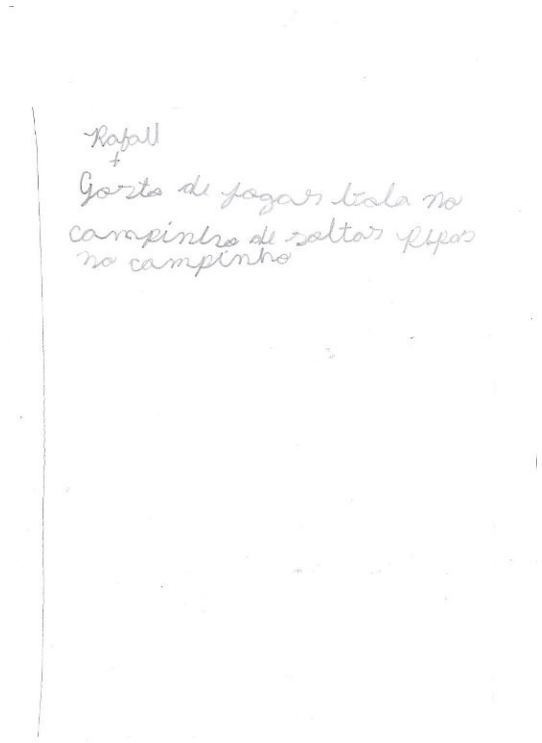


Figura 49

'Gosto de jogar bola no campinho de soltar pipas no campinho'.

Rafael de O. Souza Junior. 09 de junho de 2017.

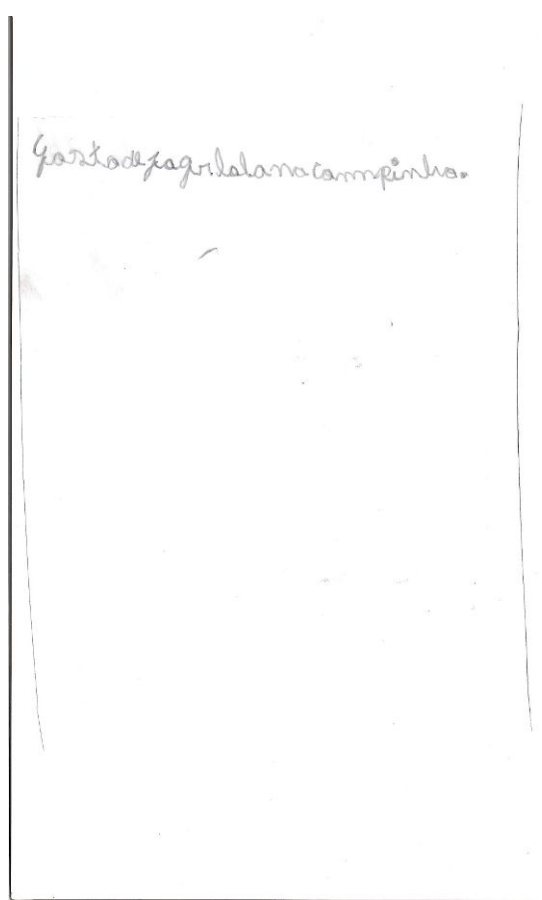


Figura 50

'Gosto de jogar bola no campinho'.

Elizeu Pablo M. de Assis. 09 de junho de 2017.

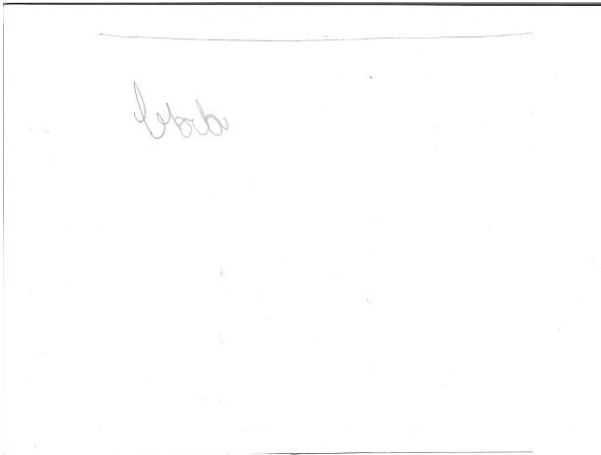


Figura 51

'bola'.

Deiverson M. de Souza. 09 de junho de 2017.

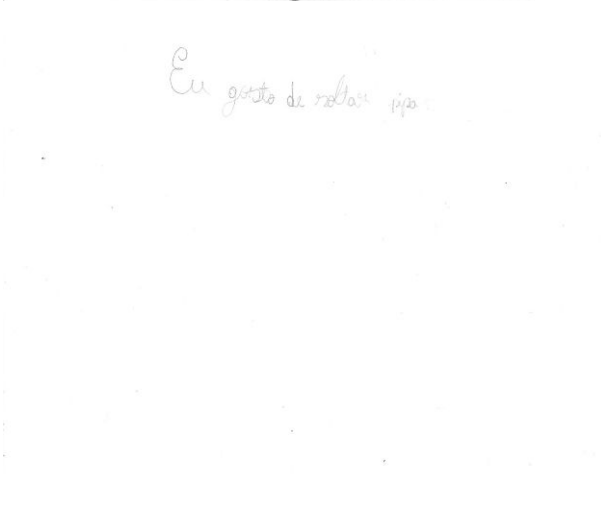


Figura 52

'Eu gosto de soltar pipa'.

Gabriel B. de A. Peçanha. 09 de junho de 2017.

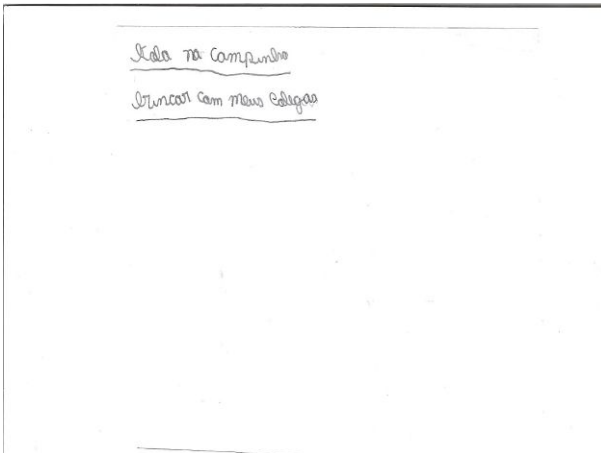


Figura 53

*'Bola no campinho
brincar com meus colegas'.*

Geovana da S. Rodrigues. 09 de junho de 2017.

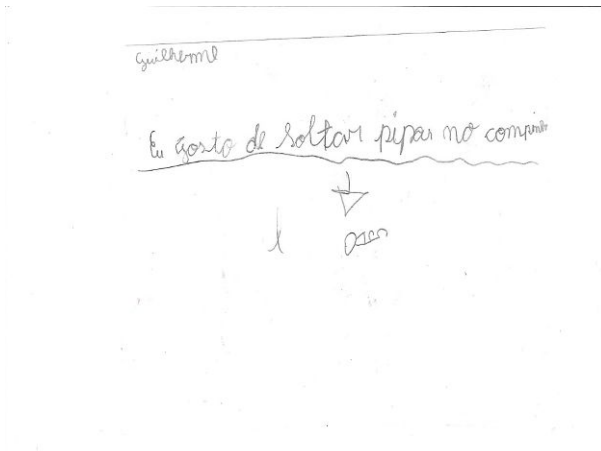


Figura 54

'Eu gosto de soltar pipa no campinho'.

Guilherme da C. Sodre. 09 de junho de 2017.

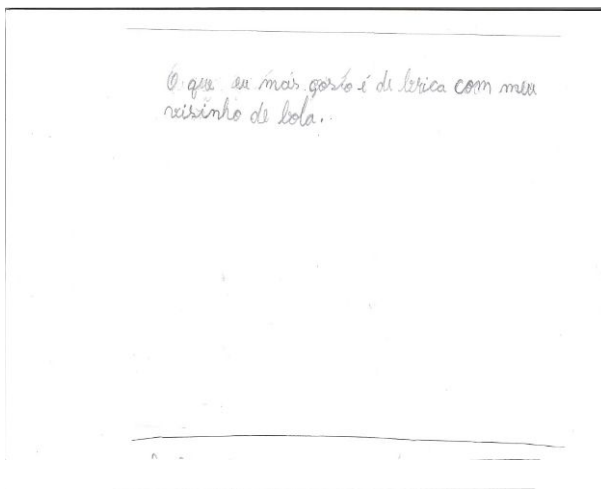


Figura 55

'O que eu mais gosto é de brincar com meu vizinho de bola'.

Gustavo G. Vargas. 09 de junho de 2017.

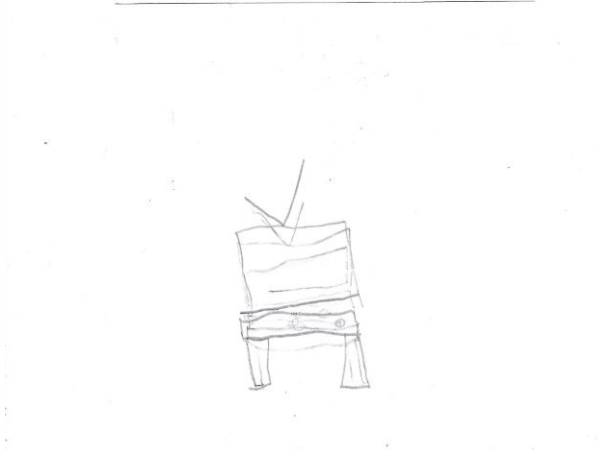


Figura 56

'Videogame'.

Iago V. da Silva. 09 de junho de 2017.

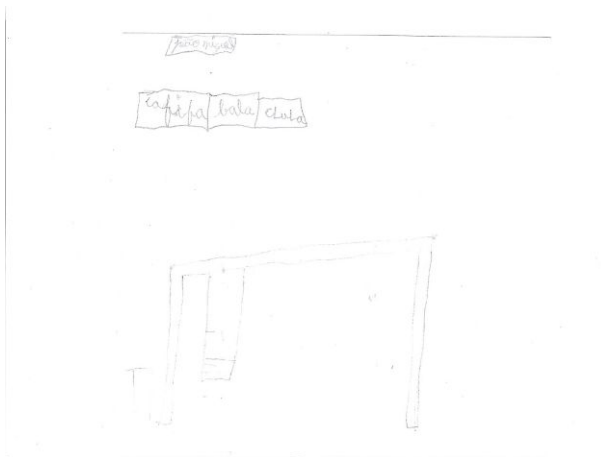


Figura 57

'Cafifa / bola / luta'.

João Miguel C. da Silva. 09 de junho de 2017.

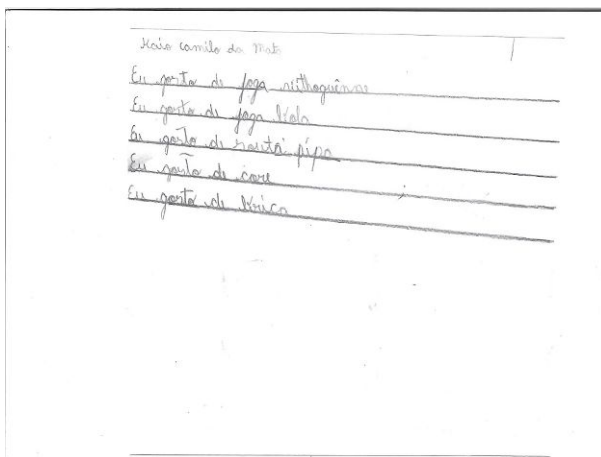


Figura 58

'Eu gosto de jogar videogame
Eu gosto de jogar bola
Eu gosto de soltar pipa
Eu gosto de correr
Eu gosto de brincar'.

Kaio C. Mata. 09 de junho de 2017.

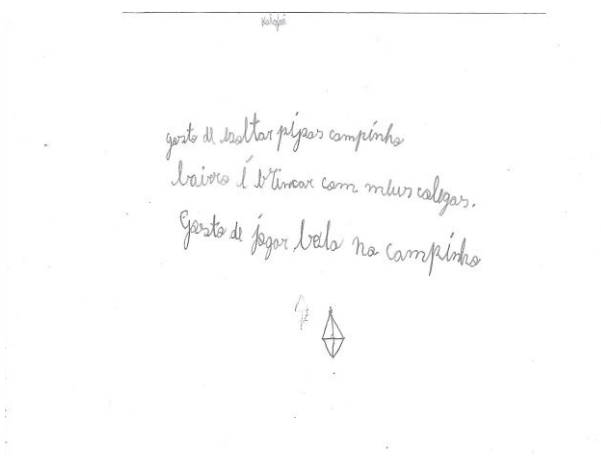


Figura 59

'Gosto de soltar pipas no campinho Bairro é brincar com meus colegas. Gosto de jogar bola no campinho'.

Kaiqui M. de Oliveira. 09 de junho de 2017.

Kauã
gosto de soltar pipas no campinho

Figura 60

'Gosto de soltar pipas no campinho'.

Kauã da S. Rodrigues. 09 de junho de 2017.

Gosto de soltar pipas no campinho




Figura 61

'Gosto de soltar pipas no campinho'.

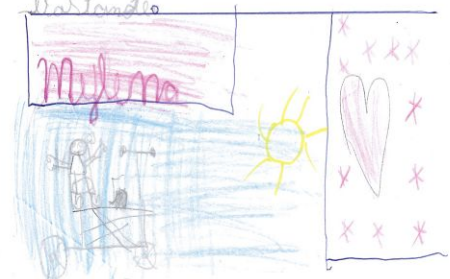
Kauê M. Leandro. 09 de junho de 2017.

Eu gosto de andar de bicicleta
com os meus colegas
bastante

Figura 62

'Eu gosto de andar de bicicleta com os meus colegas bastante'.

Mylena O. Santos. 09 de junho de 2017.



Brincar com meus primos

Figura 63

'Brincar com meus primos'.

Ryan L. C. Silva. 09 de junho de 2017.

lala gozar de jogar no
campo de futebol
gostaria de jogar

Figura 64

'Eu gosto de jogar no campinho'.

Sthefany C. B. dos Santos. 09 de junho de 2017.

O que eu mais gosto no meu bairro é o parquinho

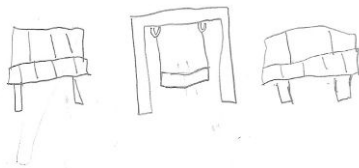


Figura 65

'O que eu mais gosto no meu bairro é o parquinho'.

Yngrid Maria F. de Lima. 09 de junho de 2017.

ANEXO E – Autorização para Divulgação da Monografia



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 14/08/2017

Eu, **NÚBIA SIQUEIRA SILVA**, CPF 122.287.087-80 formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada **“O PRODUTOR CULTURAL NA ESCOLA: A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE-EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO E EXPANSÃO DA CRIATIVIDADE”** defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

NÚBIA SIQUEIRA SILVA

